

Entre a escola e o *YouTube*: uma análise discursiva sobre ensino e aprendizagem de inglês

Between school and YouTube: a discursive analysis of English teaching and learning

Lucas Alves Selhorst¹

Resumo

Este artigo apresenta uma análise discursiva feita a partir de vídeos de ensino de inglês no *YouTube*. Desse modo, a base teórica deste trabalho é a Análise de Discurso francesa. O corpus é formado por duas matrizes parafrásticas: a primeira denominada “como não dizer em inglês”, que é composta por figuras que ilustram como os vídeos aparecem nos resultados de busca dentro da plataforma, isto é, capa, título e descrição; e a segunda, “Tia, ensina a minha professora!” que é formada por comentários (notadamente de estudantes de escolas) em um vídeo. Desses recortes, são feitas análises que permitem compreender quais concepções sustentam o discurso sobre língua, ensino e aprendizagem de inglês na sobredeterminação entre o *YouTube* e a escola, e ainda, refletir acerca da educação atual, sua relação com as novas tecnologias, bem como a mercantilização da língua nos espaços enunciativos informatizados e relações de poder e legitimação dentro e fora desses espaços.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Ensino e aprendizagem de inglês. *YouTube*. Videoaulas. Inglês como língua estrangeira.

Abstract

This article presents a discursive analysis made from English teaching videos on YouTube. Thus, the theoretical basis of this work is French Discourse Analysis. The corpus is formed by two paraphrastic matrices: the first is called “how not to say in English”, which is composed of figures that illustrate how videos appear in search results within the platform, that is, cover, title, and description; and the second, “Aunt, teach my teacher!” which is formed by comments (notably from school students) on a video. From these clippings, analyzes are made that allow us to understand which conceptions support the discourse on language, teaching and learning of English in the overdetermination between YouTube and school, reflecting on current education., its relationship with new technologies, as well as the commodification of the language in computerized enunciative spaces and relations of power and legitimation inside and outside these spaces.

Keywords: Discourse Analysis. English teaching and learning. YouTube. Video classes. English as a foreign language.

1 Introdução

Lacan (1958, p. 550) diz que a fórmula da metáfora é “*uma palavra por outra palavra*”. Pêcheux (1995, p. 263) usa essa formulação para explicar um funcionamento do sentido, ou seja, para ele “o sentido existe exclusivamente nas relações de metáfora (realizados em efeitos de substituição, paráfrases, formações de sinônimos), das quais certa formação discursiva vem a ser o lugar mais ou menos provisório”.

¹ Mestrando em Ciências da Linguagem. Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, Santa Catarina, Brasil. Orcid: 0000-0001-6667-3281. E-mail: lucasselh@hotmail.com.

Orlandi (1998) explica que a paráfrase e a polissemia funcionam contraditoriamente, e, desse modo, formam um eixo estruturante para o funcionamento da linguagem. Nesse viés, “em termos discursivos teríamos na paráfrase a reiteração do mesmo. Na polissemia, a produção da diferença” (ORLANDI, 1998, p. 15).

Em uma análise a partir da Análise de Discurso (AD), se considera, conforme explica Indursky (1998), não apenas as relações internas e abstratas das línguas, mas também aquilo que pode desestabilizá-la, “como o sujeito, seu interlocutor, o contexto sócio-histórico de constituição do discurso, o sentido e o equívoco” (INDURSKY, 1998, p. 19-20). Ainda conforme a autora, esses elementos, para a AD, são constitutivos da língua, que, por sua vez, é “aberta para a exterioridade, heterogênea e afetada pela incompletude” (INDURSKY, 1998, p. 20).

O objetivo deste trabalho é analisar discursivamente alguns elementos (sobretudo, capas e comentários) de vídeos de ensino de inglês no *YouTube*. Para isso, foram organizadas duas matrizes parafrásticas². Realizou-se um trabalho de batimento entre as noções teóricas e a prática analítica. A partir da análise, é proposta uma reflexão acerca desses processos de ensino e aprendizagem na sobredeterminação dos espaços *YouTube*/escola.

Orlandi (1998) ao pensar o discurso pedagógico em sua relação com a paráfrase e a polissemia, questiona: “O que é ensinar? O que é aprender?” (ORLANDI, 1998, p. 17). Essas inquietações e questionamentos acerca do ensinar e do aprender movem e justificam esta pesquisa, já que são questões que se atualizam sempre e que aqui são colocadas em relação com os espaços enunciativos informatizados (GALLO; SILVEIRA, 2017), próprios do momento atual³.

2 Ensino de línguas: da escola ao *YouTube*

Silva (2020, p. 22) diz que, atualmente, “mudanças no ensino de línguas com o uso de determinadas tecnologias [...] ganharam velocidade e fluidez no contexto da globalização econômica, social e cultural”. A autora, no entanto, lembra que, apesar das tentativas de instrumentalização da língua por qualquer tipo de tecnologia, o real da língua continua sendo o impossível e que “a língua, o texto,

² A seleção dos vídeos e dos comentários se deu a partir de um processo de observação e análise desses materiais. O que orientou a formação das matrizes parafrásticas foi a busca e a identificação de regularidades em vídeos e em comentários de vídeos de ensino de inglês no *YouTube*.

³ Este trabalho faz parte de uma pesquisa de mestrado, em andamento, no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Unisul.

são objetos simbólicos, divididos entre as lutas sociais, entre relações de força e relações de sentidos no espaço-tempo de afrontamentos políticos, ideológicos, de uma sociedade dada” (SILVA, 2020, p. 43).

Tomando a língua como objeto simbólico, deve-se questionar a forma como as línguas são ensinadas e aprendidas, quais sentidos são produzidos e por quais processos discursivos essa produção se dá, para que estes sejam tirados da obviedade e as relações de poder sejam visíveis e, então, possam ser confrontadas.

A partir dessa reflexão acerca das mudanças que envolvem as línguas e a forma como elas são ensinadas, pode-se ir a Orlandi e Souza (1988) que chamam atenção para a necessidade de se considerar as unidades vivas e atuantes na língua, e explicam, a partir dessa colocação, dois conceitos: o de *língua fluida* e o de *língua imaginária*.

A língua fluida é a que pode ser observada e reconhecida quando focalizamos os processos discursivos, através da história da constituição de formas e sentidos, tomando os textos como unidades (significativas) de análise, no contexto de sua produção. Se a língua imaginária é a que os analistas fixam na sua sistematização, a língua fluida é a que não pode ser contida no arcabouço dos sistemas e fórmulas. (ORLANDI; SOUZA, 1988, p. 34).

Língua, normalmente, também é pensada conjuntamente com *identidade* para se falar em *identidade linguística*, como explica Orlandi (1988), “entendendo por essa expressão uma relação com a nacionalidade, com a cultura ou com o pertencimento a um estado. [...] Nesse caso, se fala a língua portuguesa, a língua inglesa ou uma língua indígena” etc. (ORLANDI, 1988, p. 203).

No entanto, Orlandi (1988) propõe que se pense a identidade linguística escolar, isto é, um processo de identificação que, segundo ela, está menos marcado do ponto vista histórico-social, ou seja, é menos visível. A autora explica essa noção como sendo formada por discursos, saberes e dizeres “que ninguém pode deixar de ter, se frequentou a escola” (ORLANDI, 1988, p. 208).

Para exemplificar, acerca do ensino e aprendizagem de inglês, poderíamos pensar em diversos dizeres que aparecem neste trabalho e que se repetem tanto nas escolas quanto no *YouTube* e fazem parte dessa identidade linguística, como os entendimentos de que não é possível aprender inglês na escola; de que o inglês que se ensina na escola não possui legitimidade; de que determinados lugares ou países detêm a legitimidade da língua inglesa etc.

Orlandi (1988) explica esses discursos produzidos por e na língua e que constituem a *escolaridade*:

Isso é o que se repete, o que dá unidade. E, como sabemos, a repetição não é mera reprodução. Ela pode trazer a elaboração, a formulação nova, o deslocamento etc. Fazendo

intervir aqui o que tenho proposto, mantendo a relação entre paráfrase e polissemia a toda a produção de linguagem (ORLANDI, 1988, p. 208).

Com essa noção dada por Orlandi, pode-se lembrar das formações discursivas que, conforme explicam Pêcheux e Fuchs (1993, p. 166-167), “determinam o que pode e deve ser dito [...] a partir de uma posição dada numa conjuntura, isto é, numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes”.

Também deve-se dizer que Pêcheux e Fuchs (1993) trazem essa noção de formação discursiva ao falar de formação ideológica, pois para eles as formações ideológicas “comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas interligadas” (PÊCHEUX; FUCHS, 1993, p. 166).

Nessa relação entre ideologia e discurso, Pêcheux e Fuchs (1993) dizem que quem garante o assujeitamento do sujeito como sujeito ideológico, ou seja, que trabalha na instancia ideológica para manter a reprodução das relações de produção e de classe, são os aparelhos ideológicos de estado.

Althusser (1996, p. 116) define os aparelhos ideológicos de estado como aqueles que funcionam “maciça e predominantemente pela ideologia, mas também funcionam secundariamente pela repressão”. Atualmente, pode-se perceber o funcionamento desses aparelhos pela/na dimensão digital, e, por isso, aqui, está se propondo observar a sobredeterminação dos espaços *YouTube*/escola.

Para Althusser (1996), esses aparelhos atuam em favor da classe dominante que é quem detém o poder estatal. O autor também ressalta que enquanto em um momento pré-capitalista a igreja foi o aparelho ideológico de estado dominante, nas formações sociais capitalistas maduras, quem toma esse lugar é o aparelho ideológico escolar.

Essas formulações de Pêcheux e Fuchs (1993), assim como de Althusser (1996), são muito caras a este trabalho, já que muitas vezes há uma defesa de que os espaços de escolarização se mantenham fora da ideologia. No entanto, a partir desses autores, deixamos claro que não só não há esse lugar fora, como esses espaços – da escola ao *YouTube* – constituem um aparelho ideológico fundamental na manutenção das relações de poder.

3 Matriz parafrástica 1: como não dizer em inglês

Ao observar as *thumbnails*⁴, ou seja, as capas/miniaturas de vídeos de ensino de inglês no *YouTube*, pode-se perceber a repetição de diversos elementos discursivos. Esse movimento parafrástico pode ser entendido como uma consequência do fato de que, conforme explica Pêcheux,

o processo discursivo não tem, de direito, início: o discurso se conjuga sempre sobre um discurso prévio, ao qual ele atribui o papel de matéria-prima e o orador sabe que quando evoca tal acontecimento, que já foi objeto de discurso, ressuscita no espírito dos ouvintes o discurso no qual este acontecimento era alegado com as “deformações” que a situação presente introduz e da qual pode tirar partido. (PÊCHEUX, 1993, p. 77).

Para Pêcheux (1993, p. 77), “isso implica que o lugar do ouvinte seja experimentado pelo orador a partir do seu lugar de orador, quer dizer, sua habilidade de imaginar aquilo que o ouvinte espera é, muitas vezes, imprescindível. Dessa forma, Pêcheux (1993, p. 77) também afirma que “um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas”.

Deve-se destacar, como explica Gallo (2017, p. 429), que as condições de produção não são as mesmas em todas as redes, pois “cada espaço enunciativo informatizado, próprio de uma rede social (Youtube, Facebook, Twitter etc) tem sua normatização específica, na qual todo dizer deve se submeter para aí fazer sentido”, ou seja, no *YouTube* (e em outras redes) os textos são formulados sob uma determinada normatização (GALLO; SILVEIRA, 2017).

Gallo e Silveira (2017) também explicam que essa normatização tem a ver com a forma como o próprio software determina a produção de sentidos. Nesse caso, as capas que os autores formularam para seus vídeos por exemplo, não foram formuladas por acaso, mas foram determinadas pelo *YouTube*, e garantidas na busca pela “legitimação” (mídiatização) nesse espaço – que conforme Gallo e Silveira (2017) se dá pela quantidade (de visualizações, de curtidas, de inscritos etc.) – ou seja, a normatização está dada pela programação, pelos dispositivos e pelo algoritmo e diretamente relacionada com a mídiatização destes discursos.⁵

Sobre os elementos que se repetem, pode-se citar:

⁴ Embora *thumbnail* possa ser traduzida como “miniatura”, o uso da palavra em inglês é comum pelos criadores de conteúdo do site. Segundo o YouTube (2022), as miniaturas dão ao público uma vista rápida do vídeo e podem tanto ser geradas automaticamente quanto carregadas de uma fonte exterior à plataforma.

⁵ Com isso, pode-se dizer que essas capas são fundamentais para a publicidade do canal, funcionando como peças de marketing. Esse tipo de formulação é chamado de *clickbait*, ou seja, são iscas para cliques, pois buscam fazer com que o usuário clique no vídeo e, então, assista-o.

- Uso de expressões de interdição, como: *pare* (figura 1) *não diga* (figura 2, figura 4 e figura 6), *don't say* (figura 3) e *do not say* (figura 5 e figura 7);
- Grafia (das expressões citadas) em letras maiúsculas, como forma de enfatizar o que está sendo dito (figuras 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7), considerando que, na internet, as letras maiúsculas também são usadas para representar gritos, algo que está sendo dito em voz alta, com veemência;
- Uso de cores chamativas, com destaque ao vermelho, o que passa um sentido de alerta de perigo (figuras 2, 3, 5 e 7);
- Uso do X (figuras 2, 3, 4, 5, 6 e 7), o que representa a marcação de um erro. É com um X, por exemplo, que os professores costumam marcar os erros nas avaliações escritas dos alunos;
- Presença de outros gestos de desaprovação e silenciamento, como polegar virado para baixo (figura 1), dedo sobre a boca (figura 2), fita sobre a boca - em forma de X - (figura 4) e ainda, semblantes desaprovadores, de dúvida, de susto e de constrangimento, perceptíveis em todas as figuras a seguir.



Figura 1. Vídeo do canal Scott Lowe.

Fonte: Captura de tela realizada pelo autor no *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uB9Yb2A3fSA>. Acesso em: 14 mar. 2022.



Figura 2. Vídeo do canal Teacher Mandy.

Fonte: Captura de tela realizada pelo autor no *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=As9cCZouYFU>. Acesso em: 14 mar. 2022.



Figura 3. Vídeo do canal Speak English With Tiffani.

Fonte: Captura de tela realizada pelo autor no *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rShoXybGS98>. Acesso em: 14 mar. 2022.



Figura 4. Vídeo do canal Inglês com Lucas Gilbert.

Fonte: Captura de tela realizada pelo autor no *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Nveda4YR-tc>. Acesso em: 14 mar. 2022.

Na busca por visualizações, cria-se a sensação de que o uso de palavras e expressões simples e comuns (inclusive, em aulas de inglês), como *but*, *I'm fine* e *nice to meet you*, são gafes e se gera uma necessidade de assistir ao vídeo; ou seja, para mostrar uma idealização da língua (nas aulas de inglês, nos cursos, nos livros) cria-se outra, baseada em sua experiência pessoal. Isto é, conforme a noção explicada por Orlandi e Souza (1988), em ambos os espaços pode-se perceber o funcionamento da língua imaginária que, conforme as autoras, não é inofensiva, já que há um direcionamento que passa por coerções, pelo estabelecimento de paradigmas, ou seja, pelo controle da forma e do uso da língua.

A esse respeito, Gallo (2017) explica que

A circulação é a grande recompensa que se tem nessas redes. Ela pode levar o seu texto a milhões de leitores, em um único dia. Para isso, há um preço a pagar: submeter o seu texto à normatização da rede em que ele circulará, ou seja, formulá-lo segundo essa normatização (GALLO, 2017, p. 431).

A idealização supracitada, criada a partir da colocação do certo e do errado, é uma marca bastante característica do discurso pedagógico que por vezes se apresenta como discurso autoritário,

como explica Orlandi (2006, p. 29), quando “[...] há contenção da polissemia, já que o agente do discurso se pretende único e oculta o referente pelo dizer”.

Dessa forma, os vídeos de ensino de inglês formulam e reproduzem dizeres do discurso pedagógico, do qual a escola é a sede, como afirma Orlandi (2006). Também pode-se lembrar da noção de identidade linguística escolar que, conforme já mencionado, Orlandi (1988) diz ser um processo de identificação que acontece na escola e que, como toda produção de linguagem, se dá por uma relação de paráfrase e polissemia. A escola, por sua vez, como também já citado, segundo Althusser (1996), é um aparelho ideológico de estado e contribui para as relações capitalistas e de exploração.

Essas relações aparecem de diferentes maneiras no vídeo. Na figura 1, por exemplo, pode-se ler “como responder à pergunta “how are you” como um nativo”. Deve-se lembrar, conforme Grigoletto (2013), que o número de falantes não-nativos de inglês é maior do que o número de falantes nativos. Ao se falar em falantes nativos, há implícitos que se relacionam diretamente com as relações capitalistas e de exploração. Pode-se pensar quem são os nativos citados, isto é, de quais países eles são nativos. Grigoletto (2013) lembra que o inglês adquiriu um caráter de língua global por conta do poder colonial britânico no século XIX e da hegemonia econômica dos Estados Unidos no século XX. E é, principalmente, sobre essa dicotomia de Estados Unidos e Reino Unido que paira esse imaginário de falante nativo.

Reestabelecer os implícitos é justamente o que a memória discursiva faz, pois como explica Pêcheux (1999), essa memória se forma como uma estrutura discursiva complexa em consequência da repetição e da regularização.

Na figura 5, mais uma vez se mobilizam os referidos implícitos. No título do vídeo, ao dizer “do not say goodbye” também se diz (o motivo para não dizer): “we don’t say this”. Ou seja, *we*, dito por Lucy, que conforme a descrição do seu canal, ensina *beautiful British English*, se refere aos britânicos, nativos que, segundo essa “lógica” deveriam ser copiados pelos não-nativos em seus jeitos de falar.



Figura 5. Vídeo do canal English with Lucy.

Fonte: Captura de tela realizada pelo autor no *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OVOpnDQPc2w>. Acesso em: 14 mar. 2022.



Figura 6. Vídeo do canal Junior Silveira.

Fonte: Captura de tela realizada pelo autor no *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0WPyn4JdPFo>. Acesso em: 14 mar. 2022.



Figura 7. Vídeo do canal linguamarina.

Fonte: Captura de tela realizada pelo autor no *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8WYwKmXuNXU>. Acesso em: 14 mar. 2022.

Já no vídeo do canal linguamarina (figura 7), há indicativos do quanto a formação discursiva pedagógica está funcionando a partir de uma formação ideológica capitalista, pois na descrição do vídeo é informado que o vídeo é patrocinado pela empresa *HiNative*, que na primeira tela de seu site propõe: “aprenda idiomas estrangeiros de forma genuína com nativos do mundo todo”.

A partir disso, pode-se perceber sentidos de língua que esses discursos produzem e, ao mesmo tempo, os sentidos pré-construídos sobre a língua que sustentam esses discursos, isto é, sentidos pré-construídos de língua como um produto à venda. Pêcheux e Gadet (2012, p. 306), ao explicarem sobre como a língua tem sido tratada historicamente por quem a estuda e falarem da divisão do trabalho teórico, destacam “dois tipos de exclusão [...] o atraso do Terceiro Mundo e o fracasso escolar das camadas desfavorecidas”. Esses fatores podem ser resgatados para compreender essa língua mercantilizada.

Pode-se pensar no quanto esse fracasso escolar pós-massificação da educação, que atinge os deserdados, utilizando as palavras de Pêcheux e Gadet (2012), possibilita que o ensino se torne um produto à venda, o que é há muito tempo perceptível no Brasil, pela criação das escolas particulares, por exemplo, mas agora mais especificamente com a própria língua reduzida a uma mercadoria (que pode ser vendida pelo *YouTube*, ou em num site, como esse que patrocina o canal do *YouTube*), determinada

tanto pelo logicismo, isto é, pelo estabelecimento de regras, pois são essas regras que são vendidas como se fossem a língua, quanto pelo capitalismo, que reduz tudo à mercadoria e, nesse caso, reduz a língua a esse conjunto de regras para que seja possível vendê-la (PÊCHEUX; GADET, 2012).

Já no vídeo do canal Junior Silveira (figura 6) há uma contra-identificação em relação a esse movimento restritivo do dizer. Enquanto no título se diz em letras maiúsculas para não dizer, na descrição, ele se corrige: “você pode sim dizer [...], mas existem outras formas de dizer”. Essa negação junto da contra-identificação lembra exemplos comuns de negação que dizem “não sou x, mas...”, “não sou y, mas...”. Ou seja, há um lapso, e no lapso (mas não somente), como explica Authier-Revuz (1990), o Outro emerge de forma tangível no discurso.

Ainda pode-se destacar que entre os enunciados “não fale” e “pare de falar” há uma diferença: enquanto um vai no sentido de advertir um possível falante, o outro já remete a um falante, alguém que já fala, ou seja, carrega um pré-construído de que o espectador é alguém que inadvertidamente e inadequadamente está falando daquela maneira, e são nesses vídeos (como os das figuras 1 e 7) que o falante não-nativo é mais deslegitimado.

Na próxima seção, o olhar desta pesquisa se volta para comentários. A partir deles, podemos ver um outro lado dessa relação de ensino e aprendizagem no *YouTube*.

4 Matriz parafrástica 2: *Tia, ensina a minha professora!*

Os comentários que compõem essa matriz parafrástica foram tirados do vídeo SIMPLE PAST | Passado Simples Em Inglês. Embora na descrição do canal esteja escrito que *aprender inglês está muito além de regras gramaticais e vocabulário*, o vídeo é uma explicação puramente gramatical com algum vocabulário.



Figura 8. Vídeo do canal Tia do Inglês.

Fonte: Captura de tela realizada pelo autor no *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YkrJZcpMvbQ>. Acesso em: 14 mar. 2022.

Nos comentários, as repetições que mais chamam atenção dizem respeito à crítica dos alunos às suas aulas de inglês na escola, mais especificamente aos seus professores: *you tem que dar aula pra minha professora; minha professora precisa ter aula com você; tia, ensina minha professora de inglês; queria que meu professor fosse tão bom quanto você* (figuras 9, 10, 11 e 12).

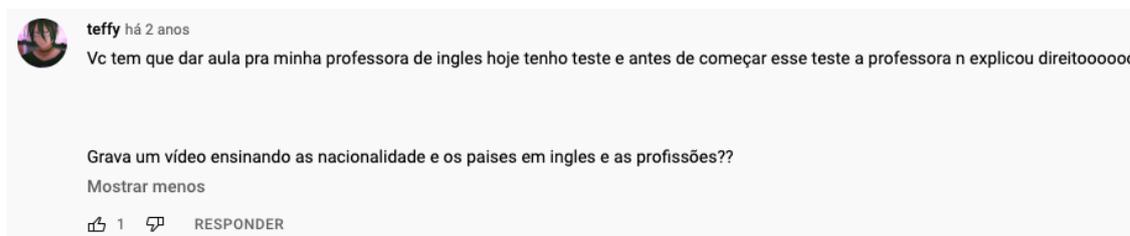


Figura 9. Comentário no vídeo SIMPLE PAST | Passado Simples Em Inglês do canal Tia do Inglês.

Fonte: Captura de tela realizada pelo autor no *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YkrJZcpMvbQ>. Acesso em: 14 mar. 2022.



Figura 10. Comentário no vídeo SIMPLE PAST | Passado Simples Em Inglês do canal Tia do Inglês.

Fonte: Captura de tela realizada pelo autor no *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YkrJZcpMvbQ>. Acesso em: 14 mar. 2022.



Figura 11. Comentário no vídeo SIMPLE PAST | Passado Simples Em Inglês do canal Tia do Inglês.

Fonte: Captura de tela realizada pelo autor no *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YkrJZcpMvbQ>. Acesso em: 14 mar. 2022.

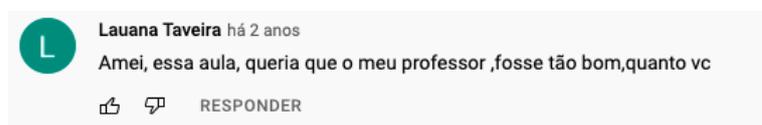


Figura 12. Comentário no vídeo SIMPLE PAST | Passado Simples Em Inglês do canal Tia do Inglês.

Fonte: Captura de tela realizada pelo autor no *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YkrJZcpMvbQ>. Acesso em: 14 mar. 2022.

Outra repetição diz respeito ao processo avaliativo que é feito na escola: *vou fazer uma prova amanhã; amanhã tem prova; tirei uma nota ótima na prova; pronto para tirar 10 na prova* (figuras 13, 14,

15, 16, 17, 18, 19 e 20). O que une as diferentes repetições dessa matriz é a colocação da escola em “xeque” e a exaltação do vídeo. Dessa forma, pode-se perceber que os espaços enunciativos informatizados estão mudando a relação entre os estudantes e a escola e o conhecimento, ou, mais especificamente, que o *YouTube* e a escola estão se sobredeterminando; assim como pode-se (re)pensar a forma como os conteúdos são trabalhados e as avaliações são realizadas.



Figura 13. Comentário no vídeo SIMPLE PAST | Passado Simples Em Inglês do canal Tia do Inglês.

Fonte: Captura de tela realizada pelo autor no *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YkrJZcpMvbQ>. Acesso em: 14 mar. 2022.

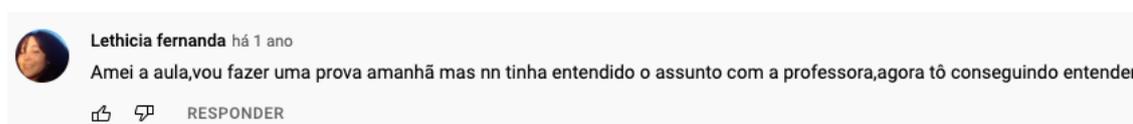


Figura 14. Comentário no vídeo SIMPLE PAST | Passado Simples Em Inglês do canal Tia do Inglês.

Fonte: Captura de tela realizada pelo autor no *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YkrJZcpMvbQ>. Acesso em: 14 mar. 2022.



Figura 15. Comentário no vídeo SIMPLE PAST | Passado Simples Em Inglês do canal Tia do Inglês.

Fonte: Captura de tela realizada pelo autor no *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YkrJZcpMvbQ>. Acesso em: 14 mar. 2022.

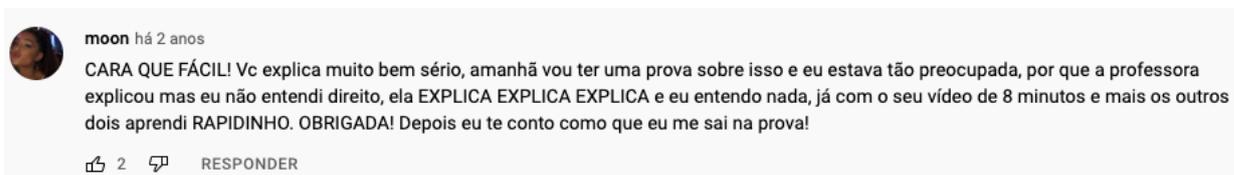


Figura 16. Comentário no vídeo SIMPLE PAST | Passado Simples Em Inglês do canal Tia do Inglês.

Fonte: Captura de tela realizada pelo autor no *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YkrJZcpMvbQ>. Acesso em: 14 mar. 2022.



Figura 17. Comentário no vídeo SIMPLE PAST | Passado Simples Em Inglês do canal Tia do Inglês.
Fonte: Captura de tela realizada pelo autor no *YouTube*. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=YkrJZcpMvbQ>. Acesso em: 14 mar. 2022.



Figura 18. Comentário no vídeo SIMPLE PAST | Passado Simples Em Inglês do canal Tia do Inglês.
Fonte: Captura de tela realizada pelo autor no *YouTube*. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=YkrJZcpMvbQ>. Acesso em: 14 mar. 2022.



Figura 19. Comentário no vídeo SIMPLE PAST | Passado Simples Em Inglês do canal Tia do Inglês.
Fonte: Captura de tela realizada pelo autor no *YouTube*. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=YkrJZcpMvbQ>. Acesso em: 14 mar. 2022.



Figura 20. Comentário no vídeo SIMPLE PAST | Passado Simples Em Inglês do canal Tia do Inglês.
Fonte: Captura de tela realizada pelo autor no *YouTube*. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=YkrJZcpMvbQ>. Acesso em: 14 mar. 2022.

Também pode-se refletir sobre o que faz os alunos reagirem com tanto entusiasmo a um vídeo de uma explicação gramatical ao mesmo tempo que criticam as aulas de inglês da escola.

Para isso, recorramos a Gallo (2017) quando diz que o capitalismo é a forma-histórica contemporânea, na qual o que importa é o consumo, e a normatização dos textos nesses espaços enunciativos informatizados, já mencionada aqui, é “a moeda necessária para o consumo” (GALLO, 2017, p. 436), que pode ser de ideias, valores ou modos de vida, pois nessa forma-histórica tudo vira mercadoria.

Sobre isso, Gallo (2017) ainda explica que

Essa submissão [à normatização] garantirá que o sujeito seja reconhecido na rede na qual se encontra, e como todos os demais sujeitos presentes na mesma rede, possa formular um dizer, **quanto mais polêmico, melhor**. Enquanto esse sujeito debate ideias nesses espaços, **ele se expõe como mercadoria**, ele é mapeado, localizado, e porque não dizer, precificado, pelo funcionamento tecnológico da rede em que se encontra [...] (GALLO, 2017, p. 436, *grifos meus*).

Assim, tal como os professores que gravam vídeos com explicações formulam dizeres polêmicos ou quase criminalizarem palavras e expressões comuns, os alunos que comentam também formulam dizeres polêmicos com críticas aos professores de suas escolas e suas práticas. Isso é característico do fato de ambos se inscrevem em um ciclo no qual consomem e se tornam mercadorias, e é esse ciclo que garante o entusiasmo em relação ao vídeo e a crítica à escola, mesmo que em ambos os lugares o conteúdo possa ser uma explicação gramatical muito semelhante.

Para entender esse fato, pode-se ir a Marx (2011) quando diz que o caráter místico da mercadoria não é resultado de seu valor de uso, nem do conteúdo das determinações de valor. Ou seja, para Marx (2011), a forma-mercadoria surge da relação social e do caráter social do trabalho que produz mercadorias. Para ele, sobre o produto do trabalho ao tornar-se mercadoria passa a incidir um fetichismo:

Esse caráter fetichista do mundo das mercadorias surge, como a análise anterior já mostrou, do caráter social peculiar do trabalho que produz mercadorias. Os objetos de uso só se tornam mercadorias porque são produtos de trabalhos privados realizados independentemente uns dos outros. O conjunto desses trabalhos privados constitui o trabalho social total. Como os produtores só travam contato social mediante a troca de seus produtos do trabalho, os caracteres especificamente sociais de seus trabalhos privados aparecem apenas no âmbito dessa troca. Ou, dito de outro modo, os trabalhos privados só atuam efetivamente como elos do trabalho social total por meio das relações que a troca estabelece entre os produtos do trabalho e, por meio destes, também entre os produtores. A estes últimos, as relações sociais entre seus trabalhos privados aparecem como aquilo que elas são, isto é, não como relações diretamente sociais entre pessoas em seus próprios trabalhos, mas como relações reificadas entre pessoas e relações sociais entre coisas (MARX, 2011, p. 123).

Esse consumo do vídeo como uma mercadoria pode ser observado em alguns comentários. Enquanto alguns estudantes ainda estão se preparando para a prova (como nas figuras 9, 14 e 16), outros estão voltando no vídeo depois de já terem feito a prova e tirado nota boa (como nas figuras 15 e 17) para agradecer por terem tirado uma nota boa nas suas provas. Ou seja, quando esses estudantes voltam no vídeo para agradecer, eles agem como quem consumiu um produto e voltou para avaliar, semelhante com o que acontece com os sites de venda, cujos compradores após receberem os produtos e geralmente após usarem, voltam e escrevem o que acharam do produto.

Em que pese essa diferença temporal no que se refere às provas, que deixa a relação de consumo mais evidente com os alunos que já as fizeram, os alunos que ainda não fizeram também agem sob esse mesmo funcionamento, pois mesmo antes de fazer a prova e saber a nota, eles já sabem que a função da mercadoria-vídeo foi cumprida, como na figura 13, “me ajudou muito, agora to pronto para tirar um 10 na prova”. Mais uma vez pode-se pensar nos sites de venda, nos quais alguns compradores podem fazer uma avaliação imediatamente após receber o produto, dizendo que ele chegou corretamente, outros depois de um uso, outros depois de meses de uso etc.

Também deve-se observar que há diferentes representações de professores com diferentes provas: a professora que não explica direito, na figura 9, sobre a qual deve-se perguntar como explica e o que é não explicar direito; a professora que não faz entender, como na figura 14 e também na figura 16, a professora que explica muitas vezes, e mesmo assim não faz com o aluno entenda; e meio que subentendido fica o professor que faz entender, mas também leva os alunos a buscarem mais, como na figura 18, que diz que o assunto se tornou mais fácil para a prova, ou seja, já havia uma compreensão, mas foi preciso uma complementação, e na figura 20, quando o aluno diz que tem prova e agradece as dicas, ou seja, ele não diz que não havia entendido, mas trata o vídeo como sendo um algo a mais, com dicas que podem ser úteis para a prova.

Na figura 16, pode-se verificar que o estudante, cuja professora explica muitas vezes, entra em contradição, pois diz “QUE FÁCIL”, em letras maiúsculas, o que faz parecer que, embora o conteúdo seja exageradamente fácil, a professora não consegue o fazer entender, no entanto, ele mesmo admite que aprendeu “RAPIDINHO” depois de assistir ao vídeo em questão e mais dois.

A contradição pode indicar a presença do Outro⁶ que constitui o sujeito de forma heterogênea, isto é, o sujeito-aluno inconscientemente tentando se enquadrar, enturmar, e desse modo formulando seu discurso com resquícios de discursos dos outros (dos interlocutores, isto é, dos outros alunos que já comentaram antes e também com as formações imaginárias acerca daqueles que comentarão no futuro, e lerão, possivelmente curtindo ou não-curtindo o comentário) e ao mesmo tempo desse Outro que, como explica Authier-Revuz (1990), está constitutivamente no sujeito e no seu discurso.

Para Authier-Revuz (1990, p. 33), “a presença do Outro emerge no discurso, com efeito, precisamente nos pontos em que insiste em quebrar a continuidade, a homogeneidade fazendo vacilar o domínio do sujeito [...]”.

⁶ Gallo (2001) resume esse “Outro” explicado por Authier (1990) como sendo da alteridade constitutiva e de nível inconsciente, diferente do “outro”, que se trata, conforme Gallo (2001), do interlocutor.

A autora diz ainda que

O que caracteriza as formas marcadas da heterogeneidade mostrada como formas do desconhecimento da heterogeneidade constitutiva é que elas operam sobre o modo da denegação. Por uma espécie de compromisso precário que dá lugar ao heterogêneo e portanto o reconhece, mas para melhor negar sua onipresença precisamente nos lugares que tentam encobri-la (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 33).

Outra marca da contradição e do trabalho do inconsciente pode ser entendida pelo uso da palavra “hoje” e, principalmente, da palavra “amanhã”, que mudam os sentidos e deixam escapar algo que os alunos tentam tamponar culpabilizando os seus professores. “Hoje” e “amanhã” são dêiticos temporais, que segundo Cavalcante e Martins (2020, p. 195) “são utilizados essencialmente para se referir ao momento em relação ao tempo de enunciação”

<p>Tenho um teste e antes de começar a professora não explicou direito.</p> <p><i>Estou estudando, pois considero que a professora não explica o suficiente.</i></p>	<p>Hoje tenho um teste e antes de começar a professora não explicou direito (com base na figura 9).</p> <p>Hoje tenho um teste, e só agora me preocupei em estudar.</p>
<p>Vou fazer uma prova, mas não tinha entendido o assunto com a professora.</p> <p><i>Vou fazer uma prova, mas a maneira como a professora explica não me fez entender.</i></p>	<p>Vou fazer uma prova amanhã, mas não tinha entendido o assunto com a professora (com base na figura 14).</p> <p><i>Vou fazer uma prova amanhã, então agora precisei prestar atenção nesse assunto.</i></p>
<p>Vou ter uma prova sobre isso, e estava tão preocupada, pois a professora explicou, mas eu não entendi.</p> <p><i>Vou ter uma prova sobre isso, e por ser dedicada e preocupada, resolvi buscar outras formas de estudar e entender melhor.</i></p>	<p>Amanhã vou ter uma prova sobre isso, e estava tão preocupada, pois a professora explicou, mas eu não entendi (com base na figura 16).</p> <p>Amanhã vou ter uma prova sobre isso, e deixei para me preocupar apenas um dia antes.</p>
<p>Tem prova, e ficou muito mais fácil com você explicando.</p> <p><i>Tem prova, e com você explicando algumas questões me foram esclarecidas.</i></p>	<p>Amanhã tem prova, e ficou muito mais fácil com você explicando (com base na figura 18)</p> <p>Amanhã tem prova, e ficou muito mais fácil estudar no YouTube um dia antes, do que prestar atenção na aula ao longo de todo um mês.</p>
<p>Prova de inglês, estamos aqui de novo. Amo.</p>	<p>Prova de inglês amanhã, estamos aqui de novo. Amo (com base na figura 19).</p>

<i>Prova de inglês, estamos aqui de novo. Amo estudar.</i>	<i>Prova de inglês amanhã, estamos aqui de novo. Amo poder negligenciar as aulas e deixar para estudar pelo YouTube na véspera.</i>
Tenho uma prova de inglês, obrigado pelas dicas. <i>Tenho uma prova de inglês, obrigado pelas orientações.</i>	Tenho uma prova de inglês amanhã , obrigado pelas dicas (com base na figura 20). <i>Tenho uma prova de inglês amanhã, obrigado por explicar de maneira rápida e resumida e suprir minha necessidade de estudar de última hora.</i>

Quadro 1. O uso de advérbios de tempo e sentidos possíveis
Fonte: Elaborado pelo autor.

Com esses exemplos, pode-se perceber que – mesmo na matriz parafrástica 1 que poderia ser lida superficialmente como de estratégias de convencimento, argumentação ou persuasão – não se está, aqui, pensando em um sujeito estrategista, mas em um sujeito, tal qual explica Indursky (2008), duplamente afetado, pessoalmente e socialmente, isto é, pelo inconsciente e pela ideologia; o qual mesmo achando que está na origem do dizer, e mesmo quando se julga estrategista, está assujeitado, sujeito ao discurso, sujeito a algo que falha, aos sentidos que deslizam e que se contradizem, isto é, está se lidando com um sujeito dividido em relação a si próprio e heterogêneo.

Assim, mesmo quando o estudante da figura 9, por exemplo, diz que a professora “youtuber” precisa dar aula para a professora da escola dele, há aquele “hoje”, que deixa escapar algo do nível do inconsciente, assim como para os demais há o “amanhã”. Isto é, a questão aqui não é saber de quem é a culpa de um processo de ensino e aprendizagem malsucedido, fazer um julgamento moral em relação aos estudantes ou em relação aos professores, mas perceber por meio das materialidades linguísticas e, por consequência, dos discursos, como se dão esses processos discursivos e quais condições, constitutividades e atravessamentos os direcionam e/ou determinam.

Dessa forma, pode-se perceber o que está sendo chamado aqui de sobredeterminação entre a escola e o *YouTube*, ou seja, o estudante do “hoje” e do “amanhã” do *YouTube* é o estudante que, na escola, estuda, não para a vida, mas para a prova. A professora youtuber conhece esse funcionamento da escola e responde a uma demanda própria dessa necessidade de imediatismo, do conhecimento que não precisa ser aprendido ou apreendido, pois está na rede e quando necessário basta buscá-lo. Assim, o fato de esse conhecimento, essa explicação (como visto, muito semelhante a uma explicação gramatical escolar) estar disponível a qualquer hora, também determina uma mudança de

comportamento por parte do estudante na escola, que percebe que a escola não precisa mais ser o lugar de estudar (para a prova).

Estudando no *YouTube*, o estudante pode, inclusive, acelerar ou diminuir o ritmo da fala de quem explica. Uma aula de 8 minutos, como do vídeo em questão, pode ser ouvida em 4 minutos, utilizando a velocidade 2. Assim como ele pode adiantar para determinada parte, ou voltar em outra que não entendeu (sem precisar levantar a mão e dizer na frente de todos os colegas que não entendeu). Nesse viés, mesmo que a explicação seja semelhante no *YouTube* e na escola, há uma mudança dada pela relação com o espaço, assim como, conforme já muito marcado nas observações do “hoje” e do “amanhã”, há uma mudança na relação com o tempo.

5 Considerações finais

Com essa análise, pode-se perceber como a escola e o *YouTube* se sobredeterminam. Assim, cabe salientar que as produções do *YouTube* são afetadas pelo funcionamento da escola, já que, por exemplo, muitos vídeos repetem uma explicação escolar, como forma de estender aquele saber a um outro tempo e a um outro espaço; e a escola também é afetada pelo *YouTube* já que a forma como os sujeitos estudam e agem na escola muda, na medida em que há essa extensão.

Com essa relação de sobredeterminação, também foi possível refletir acerca da mercantilização do ensino e da língua, bem como acerca da redução do conhecimento a um elemento provisório e utilitário que responde a uma burocracia escolar, a avaliação.

Podemos, assim como no início deste trabalho, lembrar das perguntas de Orlandi (1998, p. 17) “o que é ensinar? O que é aprender?”. São questões que se complexificam e que, mais do que respostas, demandam outras perguntas: como o ensinar e o aprender estão sendo alterados pelas novas possibilidades oferecidas pelas tecnologias? O quanto as tecnologias estão de fato democratizando os processos de ensino e aprendizagem? O quanto as tecnologias estão agravando desigualdades e colaborando com processos de ensino e aprendizagem esvaziados?

A partir dos processos discursivos que foram analisados neste trabalho e que dão conta de quais, e como, sentidos são produzidos sobre ensinar e aprender, nos parece que (re)pensar a educação hoje, passa por olhar para o sujeito deste tempo, que lida com o conhecimento de outra forma, bem como para os processos discursivos que o envolve, que também são outros.

Com isso, pode-se, por fim, questionar os processos de avaliação, que tanto insistem em aparecer nos dizeres dos alunos, dizeres estes que oferecem pistas sobre os problemas e os desafios,

pedem que olhemos para os sujeitos para além desses processos pré-determinados, pedem por mais – ou, por outra – pedagogia e por menos burocracia.

Referências

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Heterogeneidade(s) enunciativa(s)*. Campinas: Cadernos de Estudos Linguísticos, 19, 1990. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636824>. Acesso em: 23 mar. 2022.

ALTHUSSER, Louis. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado. In: ZIZEK, Slavoj (org.). *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. MARTINS, Mayara Arruda. *Efeitos de sentidos de tipos dêiticos*. Revista Investigações, Recife, v. 33, Nº especial, Texto: gêneros, interação e argumentação - III Workshop de Linguística Textual, p. 185 - 199, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/244478>. Acesso em: 15 out. 2022.

GALLO, Solange Leda. *Autoria: questão enunciativa ou discursiva?* Tubarão: Revista Linguagem em (Dis)curso, v. 1 n. 1, 2001. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/172. Acesso em: 14 out. 2022.

GALLO, Solange Leda. Sobre a normatização vigilante dos discursos midiaticizados. Santiago: 5º Simposio Internacional LAVITS | *Vigilancia, Democracia y Privacidad en América Latina: Vulnerabilidades y resistências*, 2017. Disponível em: <https://lavits.org/wp-content/uploads/2018/04/74-Solange-Leda-Gallo.pdf>. Acesso em 14 mar. 2022.

GALLO, Solange Maria Leda; SILVEIRA, Juliana da. Forma-discurso de escritorialidade: processos de normatização e legitimação. In: FLORES, Giovanna G. Benedetto (et al.). *Análise de Discurso em Rede: Cultura e Mídia*, v. 3, 2017.

GRIGOLETTO, Marisa. *O inglês na atualidade: uma língua global*. Campinas: Enciclopédia das Línguas do Brasil, 2013. Disponível em: <https://www.labeurb.unicamp.br/elb2/pages/artigos/lerArtigo.lab?id=98>. Acesso em: 21 mar. 2022.

INDURSKY, Freda. *A análise do discurso e sua inserção no campo das ciências*. Cadernos do IL, 1998. Disponível em: https://www.academia.edu/33314633/A_ANALISE_DO_DISCURSO_E_SUA_INSERTAO_NO_CAMPO_DAS_Ciencias_DA_LINGUAGEM. Acesso em: 03 maio 2022.

INDURSKY, Freda. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília (Orgs.). *Práticas Discursivas e Identitárias*. Sujeito & Língua. Porto Alegre, Nova Prova, PPG-Letras/UFRGS, 2008. (Col. Ensaios, 22).

LACAN, Jacques. *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

MARX, Karl. *O capital - I. O caráter fetichista da mercadoria e seu segredo*. São Paulo: Boitempo, 2011.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 4 ed., 2006.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Paráfrase e polissemia: a fluidez nos limites do simbólico*. Campinas: RUA, v. 4, n. 1, p. 9–20, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640626>. Acesso em: 3 maio 2022.

ORLANDI, Eni Pulcinelli; SOUZA, Tânia Conceição Clemente. A língua imaginária e a língua fluida: dois métodos de trabalho com a linguagem. In: ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Política linguística na América Latina*. Campinas: Pontes, 1988.

SILVA, Mariza Vieira da. Tecnologias de linguagem e o ensino de língua(s): o texto, o sujeito, o olhar. In: PFEIFFER, Claudia; DIAS, Juciele Pereira; NOGUEIRA, Luciana (orgs). *Língua, ensino, tecnologia*. Campinas: Pontes Editores, 2020.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69) Parte I. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 1993.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et al. (Org.). *Papel da memória*. Tradução e introdução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

PÊCHEUX, Michel; GADET, Françoise. Há uma via para a linguística fora do logicismo e do sociologismo? In: PÊCHEUX, Michel. *Análise de Discurso*. Campinas: Pontes Editores, 2012.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 1993.

YOUTUBE. *Adicione miniaturas de vídeos no YouTube*. 2022. Disponível em: <https://support.google.com/youtube/answer/72431?hl=pt>. Acesso em: 13 out. 2022.

APÊNDICE

Lista de vídeos do *YouTube*

DO NOT SAY “GOODBYE!” – We DON’T say this. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OVOpnDQPc2w>. Acesso em: 14 mar. 2022.

DON’T SAY I’m Fine Thank You And You. Canal Speak English With Tiffani. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rShoXybGS98>. Acesso em: 14 mar. 2022.

NÃO DIGA “I’m fine thanks, and you?”. Canal Teacher Mandy. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=As9cCZouYFU>. Acesso em: 14 mar. 2022.

NÃO DIGA “HOW ARE YOU” | Junior Silveira. Canal Junior Silveira. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0WPyn4JdPFo>. Acesso em: 14 mar. 2022.

NÃO Diga “NICE TO MEET YOU”. Canal Inglês com Lucas Gilbert. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Nveda4YR-tc>. Acesso em: 14 mar. 2022.

PARE de falar “I’M FINE”. Canal Scott Lowe. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uB9Yb2A3fSA>. Acesso em: 14 mar. 2022.

SIMPLE PAST | Passado Simples Em Inglês. Canal Tia do Inglês. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YkrJZcpMvbQ>. Acesso em: 14 mar. 2022.

Stop saying “BUT” | Use THESE ALTERNATIVES TO SOUND LIKE A NATIVE. Canal linguamarina. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8WYwKmXuNXU>. Acesso em: 14 mar. 2022.

Data de submissão: 08/08/2022. Data de aprovação: 14/10/2022.